

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Jaques Vereta

Faculdade de Tecnologia de São Paulo

São Paulo/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História Oral de Vida

Entrevistadora: Rosemeiry de Castro Prado

Instituição: Fatec Ourinhos

Levantamento de dados preliminares da entrevista:

Algumas mensagens de e-mails foram trocadas anteriormente até o acerto da entrevista com o professor Jaques Vereta, no dia 16 de novembro de 2016, às 14h, quarta-feira. Contudo, devido a problemas pessoais, o professor Jaques não compareceu, justificando a sua ausência e colocando-se à disposição para a entrevista em outro dia, que ocorre em 06 de dezembro de 2016, na sala dos professores de Matemática, mais precisamente no local da antiga “Biblioteca da Matemática”, dentro da “Sala da Matemática”. Era noite, e o professor estava em horário de atendimento aos alunos, mas logo pôde realizar a entrevista, que terminou por volta das 21h. Essa entrevista foi realizada para a tese de doutoramento “AS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: um histórico da instituição e aspectos relativos ao ensino de Matemática nela praticado” na Unesp/Campus Bauru, em 2018¹.

Elaboração do roteiro da pesquisa elaborado pela entrevistadora e pesquisadora:

Rosemeiry de Castro Prado

Local da entrevista: Fatec São Paulo – Avenida Tiradentes, 615 – Bom Retiro/SP.

Data: 06 de dezembro de 2016

Técnico de gravação: Rosemeiry de Castro Prado

Duração: 49 minutos e 54 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

¹ Consultar: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/dissertacao/prado_rc_dr_bauru.pdf

Número de páginas: 21

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi cedida pela entrevistadora para compor um volume dentro do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Realizou-se a entrevista com o professor Jaques Vereta, da Fatec São Paulo. Em sua entrevista, o professor menciona o fato de a faculdade ter uma Área de Matemática (não um Departamento), fato que acabou se tornando polêmico por se diferenciar das demais unidades de ensino superior da quantidade de professores que se tornou maior do que em muitos outros departamentos. A Área de Matemática está até hoje subordinada ao Departamento de Ensino Geral e foi idealizada professor antigo professor Aníbal Callado, quando se tornou docente da Fatec São Paulo. Na entrevista, encontram-se as disciplinas ministradas pelo professor ao longo de sua trajetória na instituição: o Cálculo, a Lógica, a Estatística. Para ministrar tais disciplinas havia uma programação aula por aula, onde se sabia o que iria ser trabalhado na sala de aula naquele dia. Todos os professores da área de Matemática trabalhavam de modo muito engrenado, sabendo o que seria dado na aula 1, na aula 2, até a décima oitava aula, até a trigésima sexta se fossem disciplinas de aulas durante duas vezes por semana ou até a centésima oitava quando eram aulas referentes a àquelas disciplinas de três aulas semanais. Todas as aulas eram planejadas devido à organização e união do grupo.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 21 de janeiro de 2017

Nome da transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Rosemeiry de Castro Prado (RCP): Bom professor, boa noite. Em primeiro lugar eu quero agradecer a entrevista, a possibilidade de me receber. Eu sou aluna da Unesp de Bauru, faço doutorado em Educação para Ciência, meu professor é o Vicente Garnica, de matemática, e ele tem um grupo, nós temos um grupo de pesquisa chamado GOHEM, grupo de história oral de educação matemática, e existem pessoas que fazem parte do grupo pelo país todo. E nesse momento eu estou fazendo a coleta de dados, as entrevistas para a minha tese, que tem como objetivo principal a formação dos professores de matemática das faculdades de tecnologia, das Fatecs, do estado de São Paulo, porque pouco ou quase nada a gente sabe a respeito desses professores que atuam nessas instituições. Então como eu disse, a gente usa a metodologia das narrativas para constituir as nossas fontes, e a partir das entrevistas orais eu faço, nós fazemos né, nós pesquisadores fazemos a transcrição, depois a textualização, depois entregamos né, para que vocês entrevistados se reconheçam nessa entrevista, e também a gente entrega uma carta de cessão para que a gente possa divulgar, se assim concordar, podendo fazer restrições, mudanças, da melhor maneira possível, para que se tornem fontes então, fontes para outros pesquisadores, para outros historiadores, e para outros professores de matemática. Muito obrigada mais uma vez. Eu queria que o senhor começasse falando um pouquinho da sua infância, da sua trajetória, da sua adolescência, da sua escola, das escolas até chegar na matemática, no curso de matemática propriamente.

Jaques Vereta (JV): Eu vou contar para você o que eu conto para os meus alunos. Eu tinha aula particular de matemática porque eu era reprovado em matemática. Uma tia minha foi professora de matemática, e ela me dava aula nas férias de Álgebra. Depois ela apareceu, eu a encontrei bem mais tarde, porque nós nos separamos, e ela dizia assim, eu não acredito, tá bom? Eu não acredito que você se tornou professor de matemática, mas despertou mais um pouquinho, um pouquinho que eu comecei a gostar, e nessa época eu tinha passado por dificuldade financeira, e eu comecei a fazer concurso, entrei na faculdade, então dei aula particular e percebi que parece que eu tinha o dom. E começou a entrar dinheiro das aulas particulares, então acendeu a luzinha. E parece que veio tudo junto, porque apesar de tudo, deu dar aulas particulares, eu estava fazendo a FEI lá em São Bernardo, e nesse íterim meu pai faleceu (ininteligível) precisei largar a FEI, o dia inteiro e não era possível fazer, isso não dava certo, então eu larguei, lembrei da história das aulas particulares e prestei a PUC aqui em São Paulo. Entrei, fiz o vestibular, aí eu já tinha feito um ano e pouco lá na FEI, vim para cá, aí comecei a fazer matemática, e nessa... nessa passagem para a PUC, eu conheci o professor Ayrton. Você conheceu o Walter?

RCP: Eu conheci o Walter, ele fez parte também da minha entrevista.

JV: Conheci o Walter, conheci o Ayrton, e conheci o Santo também, o professor Santo, foi quando eu conheci o Chixaro também, por que fomos dar aula lá naquele cursinho lá...

RCP: No cursinho Diágoras, não é isso?

JV: Exatamente, e o que aconteceu, eu quando vim para a PUC de São Paulo, foi quando eu conheci a minha esposa, porque ela fazia o primeiro ano da faculdade, e ela que me apresentou o Walter, o Ayrton, aí eu fui para lá. O Ayrton não fazia a PUC, mas o Walter fazia. E começamos a dar aula no cursinho, aí nasceu a amizade. Então nós temos uma amizade de 50 anos. Então estávamos dando aula no cursinho e tal, e o cursinho começou a ir mal, acabou fechando. O Walter já dava aula, já era professor, eu não era professor de escola, eu só tinha dado aula particular e aula no cursinho, e nessa brincadeira aparece um belo dia lá na PUC dois engravatados da Siemens buscando gente para trabalhar na área da informática. Eles vieram com um cartãozinho, distribuíram o cartãozinho, e disseram olha, nós vamos fazer teste para a área de informática. Fui lá, fiz o teste e passei, então eu fui trabalhar com informática na Siemens. Cheguei a ser analista de sistemas, eu trabalhei muitos anos e eu estava indo para a Alemanha, eu já tinha me casado. Então me casei e eu ia para a Alemanha para ficar trabalhando lá. Inclusive eu tinha que ir sozinho, porque a política da Siemens é que você vá sozinho. Nós íamos em três, havia mais um rapaz do ITA, um da Poli e eu. Então... mas a gente ia cada um para um lugar diferente, que era para obrigar você a falar a língua nativa. Nós tínhamos feito curso de alemão, eu já estava falando, praticamente conversando, e a esposa só poderia ir seis meses depois que era para não ter influência. Mas nessa brincadeira meu sogro faleceu. E o meu sogro tinha uma empresa muito rentável, ele faleceu, ele já não vinha bem, e aí não tinha ninguém para tomar conta da empresa. Então a vida deu aquela guinada total. Eu me afastei deles nessa época, porque como eu fui trabalhar, larguei as aulas e tal né, fui para... eu estou contando isso para você porque eu acho importante que apareça isso, como é que a formação da gente vai influenciado...

RCP: Com certeza.

JV aí eu fui obrigado, eu tinha duas opções, ou largar tudo e ir para a Alemanha já com a mala pronta, passaporte, ou ia tomar conta da empresa. A empresa estava muito bem, e eu resolvi abandonar tudo e fui tomar conta da empresa.

RCP: Nessa época já havia terminado o curso na PUC?

JV: Eu estava terminando o curso na PUC.

RCP: Terminando, isso na década de 60?

JV: Não, eu fui para a empresa em 75... 75... aí não sabia nada de administração, eu fiz uma pós na GV. Desculpa, eu já tinha terminado a PUC, é verdade, porque dois anos depois eu já fui, porque eu senti que eu precisava de alguns conhecimentos de administração. Então, como é que eu ia administrar uma empresa, se eu era o que? Um professor. Então prestei GV, fiz a pós da GV, eu já tinha o diploma da PUC né, já fiz a GV e fiquei na empresa.

RCP: Administração na GV.

JV: Hã?

RCP: Administração.

JV: Isso. Inclusive Administração da Produção, porque era uma metalúrgica, então eu fiz administração da produção.

RCP: E na PUC, bacharelado?

JV: Bacharelado e licenciatura. E fiquei. Bom, aí a vida rotina né, terminei o mestrado, durou dois anos, terminei e tal. Um belo dia a gente estava afastado, porque todos com carreiras diferentes, todo mundo casou, teve filhos, etc... Então um dia eu me encontro com o Walter, e o Walter fala assim, por que você não vai fazer mestrado na PUC? Eu também fiz mestrado lá. E aí eu falei assim, ah Walter por que eu vou fazer mestrado na PUC se eu estou tomando conta da empresa? Ah, vamos fazer mestrado na PUC e não sei o que e tal, e aí ele começou a me buzinar na orelha, e fomos fazer mestrado na PUC. Fui lá tal e fiz o mestrado, então o mestrado da PUC foi depois da GV. E quando eu fiz o mestrado da PUC o Walter falou, agora que você está fazendo mestrado você precisa vir aqui para Fatec. Aí eu falo Walter, eu trabalho de segunda a sexta das 8 às 6 da tarde. Não, você precisa ir lá dar umas aulinhas e tal, e nessa cataram todos eles aqui né, e era dessa forma. Aí resolvi e vim para cá. Então eu vim dar aula aqui um pouquinho antes de terminar o mestrado, porque eu me lembro que eu já estava aqui quando eu fui defender o... fazer a dissertação e tal. Aí vim para cá. Na empresa fiquei 20 anos, eu entrei lá em 75 e ela fechou em 95, era uma metalúrgica que fazia aparelhos de desenho. Aí chega os benditos cad cam e não tinha mais sentido, porque eu não sei se você viu, era um... aqueles aparelhos que tinham duas réguas assim, você virava ele e fazia os projetos, os projetos eram todos feitos na prancheta, e a gente fazia aqueles aparelhos, nós exportávamos inclusive.

RCP: Como era o nome mesmo?

JV: Tecnígrafo chamava.

RCP: Tecnígrafo... tecnígrafo.

JV: A marca era Cotrim.

RCP: Cotrim.

JV: Que era o nome do meu sogro. 95 a gente fechou a empresa, eu estava cansado. A empresa eu não vou negar para você que se ganhou dinheiro, mas... e eu tinha duas ou três aulinhas. E aí o que eu fiz? Carreguei as aulas aqui. Então, tudo isso, esse resumo é para mostrar o seguinte, fui fazer a GV que me abriu as portas para administrar a empresa, depois fui fazer o mestrado na PUC sem saber por que que eu fui, só que se eu não tivesse feito eu estaria jogando bocha, aposentado desde 95, e só estou dando aula aqui porque eu tenho o mestrado. Só que depois eu não quis... Quando eu fiz o mestrado, na minha banca estavam, o Paulo Bols e o Edson Farah lá da USP, e o Bols no dia da defesa ele foi e me convidou para... para fazer o doutorado, porque ele gostou do assunto, ele falou olha eu gostaria que você viesse agora para USP, e a gente faria... eu vou ser o seu orientador. Naquele dia eu falei sim, no dia seguinte eu falei não, chega, não quero mais, acabou.

RCP: Qual era o assunto professor?

JV: Hã?

RCP: Qual era o assunto da sua dissertação?

JV: Era teoria da medida.

RCP: Teoria da medida.

JV: Teoria da medida. Mas não fiz não. Mas importante então, quer dizer, a PUC me trouxe para cá e me mantém trabalhando até hoje, e a GV que me abriu os olhos, me deu aqui a chance, porque quando abriu... quando eu vim para cá, não havia ainda o curso de Secretariado, que começou depois, hoje nós temos os cursos de turismo e secretariado, e o secretariado tem Matemática Financeira, e ninguém aqui dava aula de matemática financeira. Eu era o único que tinha feito administração. O que me fez abrir o caminho também para a área de finanças, tanto que agora em fevereiro eu entrego o livro que a gente está fazendo. Você vai entrevistar a professora Suzana?

RCP: Vou, amanhã.

JV: Então, a professora Suzana fez uma coleção de três volumes de Cálculo.

RCP: É aquele cartaz que está ali fora que eu estava olhando?

JV: Isso. Tem três volumes, só sai o terceiro volume agora que foi entregue na editora, fundamentos, cálculo 1 e cálculo 2, e o volume 4 sou eu que é a matemática financeira, que eu entrego na editora em fevereiro. Pronto. Em suma esse foi o resumo da trajetória.

RCP: O senhor é natural de que cidade? São Paulo capital mesmo?

JV: Isso.

RCP: Nasceu...?

:

JV: Em São Paulo.

RCP: Não, mas a data...

JV: Ah tá, precisa falar?

RCP: Não. (risos)

JV: 2000 (risos). Não convenceu?

RCP: Não.

JV: 1999 (risos). Eu nasci em 46.

RCP: 46, e aí a sua chegada na Fatec foi em que ano?

JV: 82.

RCP: 82. 82 já havia concurso?

JV: Naquela época a gente vinha por prazo e convidado, o Walter me trouxe convidado por prazo determinado, aí eu fiz concurso para prazo indeterminado.

RCP: É porque eu me lembro que ele disse assim, que naquela época era por indicação...

JV: Isso.

RCP: E que funcionava muito mais do que hoje com concurso.

JV: Com certeza, porque a gente, eu por exemplo durante muito tempo, você vê 82, são quase 40 anos né aqui, e eu participei de muitas bancas. Hoje você pega, o professor vem, preenche todos os pré-requisitos aí de graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, tal, tal, tal, então a gente põe, ele para dar aula, e ele não sabe dar aula. Infelizmente essa é uma grande verdade, gente que só ficou na sala de aula... e que você sabe se você colocar aqui na sala de aula, depois de uma semana tem reclamação né. Então eu continuo dizendo que algumas coisas têm que mudar. Em primeiro lugar eu infelizmente eu acho que tinha que acabar essa história dessa pseudo estabilidade. Eu falo pseudo estabilidade porque tenta mandar alguém

embora, tenta mandar, por mais que você saiba que ela está fazendo coisa errada, eles pegam um bom advogado aqui, ganha, e ainda processa a escola. Isso tem que acabar. Porque só no momento em que isso acabar é que as coisas vão melhorar. Porque por exemplo, eu administrei a minha empresa durante 20 anos, me pergunta se eu quero ser chefe aqui? Porque se você fala uma coisa alguma coisa para alguém aqui, ele dá risada, vira as costas, e continua fazendo o que ele bem entende. E como é que você faz? Nada. Você não faz absolutamente nada. Isso é uma coisa que tem que acabar. E outra coisa, é muito melhor por indicação porque não adianta você chamar, às vezes podem vir com um milhão de títulos, mas se ele não tiver experiência de sala de aula não adianta. E depois eu acho que tem algumas outras coisas, eu, são 40 anos, quer dizer, se a gente somar desde a época do Coutinho, são 40 anos de magistério. Eu aprendi algumas coisas. Então são dois professores, tenho primeiro professor, a fase negra, que eu olho para trás hoje, eu considero que eu era um péssimo professor, aquela fase em que eu me sentia o bom.

RCP: (risos)

JV: Eu era o bom. Eu tinha GV, eu tinha mestrado em matemática, eu era o bom. E isso eu levava para sala de aula, por que era quase que uma mania sabe? Então eu aqui, o aluno aqui, eu olho para trás e digo zero para mim como professor. O tempo foi passando, e ainda bem que eu não sou cabeça dura, porque eu aprendi, e eu aprendi muito. Porque o Walter me levou, eu e o Walter sempre ali, me levou para dar aula na UNIP. Quando a minha empresa fechou eu fiquei só aqui né, então eram dois salários e fiquei com um só, fez uma diferença. Até eu me adaptar o Walter me levou para a UNIP. Quando eu conheci a UNIP, que eu vi o que era uma faculdade particular, aí eu aprendi a valorizar a Fatec. Foi ótimo. Bom, e aí eu comecei a mudar, então eu hoje tenho algumas convicções, são claras. Em primeiro lugar, graças a Deus eu não sou gênio. Pelo contrário, sempre fui um aluno mediano. Eu acho que o aluno mediano é o melhor professor que existe, porque o gênio, aquele que é o bom, eu não vou discutir se ele é ou não mas suponho que ele seja, esse não consegue dar aula porque ele jamais vai entender o que o aluno sente. Então a primeira... porque tudo que eu consegui foi através do esforço, porque se eu não estudasse, eu não ia conseguir, então número um. Número dois, foi bom conhecer o outro lado do mercado para saber que nós ainda temos um material excelente aqui. Excelente, tanto que são 40 anos e eu não tenho um histórico de indisciplina. 40 anos sem um histórico. Eu acho que eu adquiri jogo de cintura, mas não tem, onde que você vai conseguir isso em que lugar né? Não tem, então segunda coisa. Terceira coisa, tem que falar a linguagem do aluno, que eu aprendi a falar. Então eu entro dando aula contando piada e saio contando piada, mas todos eles sabem que tem o professor Jaques que conta piada, e tem o professor Jaques que leva a sério. Terceiro, o programa é colocado no primeiro dia de aula e ele é cumprido. Quarto jogo limpo, o aluno sabe o que vai ser dado, é explicado, é tirado dúvida, não tem peninha nas provas, é aquilo. Se ele souber aquilo tchau, até logo, passe bem. Jogo limpo. Bom, para você ter uma ideia de como tudo isso... ah e isso aqui só foi adquirido com o tempo.

RCP: Intrínseco.

JV: Nos últimos 15 anos eu dou aula, a grande parte das minhas aulas são do curso de secretariado. Lá eu Ministro matemática financeira e estatística, então das 24 aulas que eu tenho, 18 aulas são... 18... Nos últimos 15 anos eu sou paraninfo, sem pular, eu já tinha sido

antes, mas era assim, era intermitente, 15 anos todo semestre, eu contei e tinha mais de 30 convites de paraninfo lá em casa, aliás eu vou fazer até um (ininteligível).

RCP: É... (risos)

JV: Porque aí o aluno é reprovado, e eu reprovado, e agora vem a novidade, eu sou um dos que mais reprovam, e eu sou paraninfo. E se você olhar para o curso de Secretariado, você fala como que um professor que da matemática financeira vai ser paraninfo do curso de secretariado? Tem explicação, é respeito. Quando eu falo para o aluno você foi reprovado, ele me fala não foi o senhor que me reprovou, fui eu, entendeu? Então eu acho que esse é o segredo. Tem... ah, outra coisa, se tiver que usar uma linguagem mais... mais baixa para conversar com o aluno, ou para explicar matéria, use sem medo, sabe? Então essa é minha filosofia, é a que dá certo, brinca muito, nada de entrar... tem problema larga fora, o aluno capta se você entrar na sala de aula tenso, é um negócio impressionante. Impressionante como aquilo passa para fora, então para eles eu estou sempre brincando, eu não, para eles eu não tenho problema, eu sou um extraterrestre. E eu aprendi a brincar. Então a coisa dá certo, porque você vai dar aquela matéria difícil e eles estão desesperados, você conta uma piada, brinca com um, brinca com o outro, vai levando, e eles são reprovados e eu sou paraninfo, eles são reprovados e eu sou paraninfo, eles são reprovados e eu sou paraninfo. Então eu acho que esse é o segredo. E aí o que acontece, quando você faz um tipo desse de... primeiro, você vai lá só vai olhar título, só vai julgar pontos, aí o cara vem dar aula e você já vê que não é bom, mas ele tem pontos porque ele tem isso, tem isso, aí, outra coisa, aí você recebe uma pasta desse tamanho, participei em curso tal, participei disso, eu participei daquilo, e daí!? E daí!? Não queremos nada disso! Eu cheguei à conclusão que você para dar aula, você tem que saber um delta épsilon a mais do que o aluno, é o suficiente. Não posso saber menos, tem que saber mais. Acabou. O resto, eu acho que a gente é medido, quando entra na sala de aula, por aquilo que o aluno aprendeu. Só. Eu não preciso ser gênio.

RCP: Sim.

JV: Eu preciso saber um pouquinho mais do que eu estou ensinando para ele. E eu tenho, eu sou medido, por aquilo que eu consegui passar, e acabou. Agora, não é o que a gente vê por aí. Infelizmente não é o que a gente vê. Eu estou a 40 anos aqui, a gente nota que o professor novo não veste a camisa. Não veste né, de forma geral. De forma geral muitos só vêm aqui, dão aula, e vão embora. Não tem... nós parecíamos um grupo, mas mais fechado, porque a Fatec era como se fosse, para mim até hoje isso aqui é como se fosse minha casa. A gente não nota mais isso, talvez porque muita coisa mudou, houve um distanciamento, os salários daquela época eram muito melhores do que são hoje, o professor é obrigado a dar aula em vários lugares, então talvez tenha uma série de explicações. Mas dificilmente... e os professores que vem, quanto mais títulos o ele tem, mais afastado ele fica da turma. Não quero... por exemplo quando eu vim para cá, o professor Ayrton estava aqui, o professor Walter, eu fiquei 2 anos só pegando informações, aprendendo. Ninguém quer, o cara chega hoje com o título de mestre, doutor, ele não quer ouvir o que você tem para dizer, porque ele acha que sabe tudo. Então a gente tem dificuldades muito grandes nesse aspecto, entendeu? E o cara não fala a língua que o aluno entende? Então eu vejo, eu vejo esse tipo de problema, e tanto é verdade que está aí né, quer dizer, está fazendo sucesso né? Mas como em time que está ganhando não se mexe, estão fazendo sucesso. É isso aí. Essa é a história da Fatec.

RCP: São 40 anos...

JV: Não chega a 40 não né, da trinta e... 82... 2002... 34.

RCP: Ininterruptos, direto, sem nenhum afastamento?

JV: Sem.

RCP: Porque parece que o professor Walter se afastou um pouco...

JV: Não, o professor Walter se aposentou, ele saiu, olha, o professor Ayrton se aposentou e saiu.

RCP: Sim

JV: O professor Walter se aposentou e saiu. O professor Seizen você conheceu?

RCP: Não.

JV: O japonês que senta aqui, o japonêsinho que senta aqui?

RCP: Não.

JV: Também se aposentou e saiu, nós fomos buscá-lo de volta, porque você não consegue professores, e quando consegue são problemáticos, você tem problemas. Nós fomos buscar gente que já estava aposentado, porque eles gostam de entrar na sala de aula, e não tem reclamação.

RCP: E já conhecem a filosofia de trabalho...

JV: Eu não me afastei. Eu só pedi um afastamento de um ano, mas não que eu fosse... tivesse saído, quando eu estava fazendo, aliás não foi um ano, foram seis meses, quando eu estava fazendo a... preparando a dissertação. Como eu dava aula o dia inteiro, naquela época eu ainda estava trabalhando na empresa, então quando eu trabalhava o dia inteiro, eu pedi um afastamento aqui, depois eu tentei pedir de novo e não foi renovado, mas eu peguei seis meses quando foi para fazer a tese.

RCP: E esse afastamento era remunerado?

JV: Naquela época era remunerado.

RCP: Naquela época era remunerado.

JV: Saída remunerada.

RCP: Sim, então quer dizer então que havia, houve né, um certo incentivo?

JV: Incentivo, depois já foi negado, na segunda vez já foi negado.

RCP: Eu acho que depende muito do momento político também que a gente está vivendo.

JV: É, e depende muito também depende de quem tá em cima né, diretores que estão em cima, tem tantas coisas que influenciam.

RCP: E esse tempo todo o senhor exerceu a função de professor? Nenhuma outra função? Coordenador?

JV: Não, depois que eu fechei a empresa, eu jurei que não ia mais mandar em nada.

RCP: Sim, nem em ninguém. (risos)

JV: Eu não quero nem a chave da porta do banheiro.

RCP: (risos)

JV: Pode falar isso ou não?

RCP: Pode.

JV: (risos) Nada. Não quero mais. Ainda mais porque eu estou mal-acostumado, porque eu estava numa empresa, e quando as coisas não funcionavam eu mandava embora. O funcionário não trabalhou, eu vou lá e converso com ele, eu sempre fui de conversar, repetiu e eu vi que não tem jeito, até logo. Agora aqui, não. Aqui se me pagarem 10 vezes o que eu ganho eu não quero. Se amanhã, por qualquer me motivo, me obrigarem a assumir uma chefia, eu peço as contas e vou embora.

RCP: Porque o regime de contratação foi CLT. Sempre foi CLT?

JV: Sempre. Sempre CLT.

RCP: E as disciplinas que o senhor lecionou? O senhor disse que da matemática, cálculo...

JV: Cálculo durante muitos anos, hoje fazem, olha hoje faz 10 anos que eu não dou aula de Cálculo, e eu gostei muito. O professor Santo sentava nessa mesa, e eu me lembro quando ele estava aqui, o professor Santo se aposentou na mesma faixa do Walter e do Ayrton. Eu falo, eu estou apontando para cá porque ele sentou aqui, quando eles se aposentaram, o professor Santo também se aposentou e... estou bonito?

RCP: Tá lindo.

JV: (risos)

RCP: Tá muito bom, o senhor quer mostrar aqui olha.

RCP: A bandeira...

JV: Isso, é a melhor entrevista que você fez, você vai ganhar prêmio Nobel.

RCP: A sala dos professores também está aqui, os lugares que eles sentam, o professor Walter está aqui, mas o mais chique mesmo é o cantinho do Corinthians, e olha que eu sou são-paulina viu.

JV: Eu sabia.

RCP: É, não pode ser perfeito né?

JV: Me nego a continuar a entrevista!
(risos de todos)

JV: Eu me nego a continuar essa entrevista! Chíxaro, o que é que você aprontou Chíxaro!?
(risos de todos)

RCP: Mas eu sou de boa.
(risos de todos)

JV: O que é que eu estava falando, que eu esqueci? Você me fez uma pergunta...

RCP: Você estava falando dos professores que sentavam aqui...

JV: Mas era sobre?

RCP: O regime de contratação? CLT?

JV: Não.

RCP: Ah, Cálculo.

JV: Ah, Cálculo. Então, eu dei aula, são 34 anos, acho que eu dei aula 20 anos de cálculo, e o professor Santo que sentava aqui, quando ele estava para se aposentar, ele dava aula de programação linear, Programação Linear e Aplicações, e eu sentava aqui. E ele ficava me perguntando, eu me lembro do dia que ele falou pra mim assim, professor Jaques, você não quer dar aula de PLA? Eu falei ah, eu não quero ficar estudando mais do que eu devo. Deixa de ser bobo, você vem dar aula de PLA, você não divide, por que o cálculo nosso era assim, como eram 6 aulas, 4 aulas ficavam com um professor que dava cálculo, e duas aulas eram Geometria Analítica, então juntava para compor, então eram dois professores. Então entravam 2, e aquela história, daí ele falava olha, aprende PLA que ninguém quer, e você não vai dividir com ninguém. E eu gostei da brincadeira. Aí eu comecei a dar aula de programação linear de manhã, de tarde, e de noite, como era para o curso de Processamento de Dados, hoje ADF, erCm 4, 8, 12 aulas, só aí. Aí veio o curso de secretariado e eu peguei financeira, e depois peguei estatística. Então hoje eu me concentro, não dou mais aula de cálculo, aliás

eu estava conversando até com o Ayrton que fazem 14 anos que eu não entro numa sala para dar aula de cálculo, que se eu tivesse que entrar e dar uma aula de cálculo eu ia ter que olhar minhas anotações, porque 14 anos... outro dia um aluno entrou aqui, e você vê, o aluno entrou aqui para tirar uma dúvida de integral e eu não me lembrava, tinha assim uma coisinha lá, e eu não me lembrava. Então hoje, matemática financeira, programação linear, Estatística e Lógica. Lógica eu implantei esse curso no secretariado, com vistas concurso público. Porque a gente começou a perceber que uma grande parte das questões de concursos públicos hoje são lógica. Então, como esse pessoal pode eventualmente prestar concurso, eu introduzi a disciplina de lógica. Então são essas quatro.

RCP: E como o senhor percebe a grade em relação à matemática? Na época, no início em que o senhor entrou na Fatec, e agora. Se manteve?

JV: Não, na lata. O nosso curso que era o antigo PD, era um curso fortíssimo, fortíssimo.

RCP: Muito concorrido né?

JV: A última coisa que eles fizeram foi tirar cálculo 2, e colocaram como disciplina optativa, como se o aluno fosse fazer como disciplina optativa, isso depois de brigas homéricas que nós tivemos, e não adiantou. Olha, para você ter uma ideia, a disciplina de PLA era cálculo numérico. Era cálculo numérico. O professor Santo introduziu programação linear dentro do cálculo numérico. Talvez ele já pressentisse. Quando eles fizeram essa reformulação aqui, a primeira coisa que eles tiraram foi o cálculo numérico, sem saber o que estava acontecendo. Quando eu fui conversar com o pessoal, que eu contei que cálculo numérico era a programação linear, aí eles voltaram atrás, porque programação linear é a disciplina ideal para o pessoal da área da Informática. Se fosse o cálculo numérico tradicional eles tinham cortado. Agora foram, e cortaram cálculo 2. Então a carga de matemática caiu, caiu assustadoramente. Caiu, tá?

RCP: Acho que além da carga, também o conteúdo vai diminuindo.

JV: O conteúdo... olha, eu cheguei a dar aula na UNIP para a turma de Informática, eu dava sequências e séries e eles não tinham cálculo, você ouviu bem o que eu falei?

RCP: Ouvi.

JV: Sequências e séries sem cálculo.

RCP: Sem cálculo...

JV: Então, depois que eu vi isso, eu falei ah não, então pode fazer qualquer coisa que está tudo bem. Então é isso aí. A carga mudou, a carga para você ter uma ideia, eu fiz o... quando eu fui convidado para o Secretariado, eu me lembro até hoje, veio a coordenadora conversar comigo, ela falou olha, nós temos um curso novo de secretariado, a gente quer que o senhor vai dar aula, só que o senhor tem que dar, a gente quer que o senhor de aula de estatística e matemática financeira, só que a gente quer que o senhor de um curso soft, light, diet. Eu falei eu estou fora, porque eu não consigo dar um curso soft. E ela foi embora, quando ela voltou

uma semana depois, ela falou professor, faz o que o senhor quiser, o senhor aceita? Aí eu vim a saber que ia ser tudo moças né, foi quando eu descobri que eu tenho uma vocação para dar aula para moças.

RCP: (risos)

JV: Então hoje eu sou um professor especialista em moças. Então, tanto que no curso de Edifícios eu dou aula, é uma turma de 120 alunos, não cabe numa sala só 120, né? A Fatec não permite isso. Então todos os bobões aqui, inclusive o Walter, o Ayrtton, para eles tá bom, eles pegam aquela turma e fazem assim vamos à lista de presença, de até tanta turma com um, de tanto até tanta turma com outro, eu já dividi por sexo, entendeu? Então hoje eu me especializei. Se sair algum curso para moças é comigo, certo? Bom, então ela veio e me chamou, e falou pode dar aula. Então aqui eu vou contar uma coisa para você, por exemplo... aí o que aconteceu? Como eu sou paraninfo ninguém mexe comigo. Que coordenador vai querer mexer com o professor que é paraninfo? Tá certo? Não porque não gosta de mim, porque é difícil me aguentar, vai ter que me engolir né.

RCP: (risos)

JV: Muito bem, aí o que acontece, eu fiquei com aquele negócio de diet na cabeça, e fui dar aula para o pessoal do secretário, porque eu falava secretariado e tal, pede um curso assim, mas bem meia boca. Aí eu percebi que o curso do secretariado era o segundo curso mais procurado, ele foi um dos últimos que abriu, e hoje ele é o segundo mais procurado. Aqui o primeiro é de informática do ADS, e o segundo é o secretariado. E eu percebi que eu tinha um material melhor na mão. Piorou um pouco por causa das Fatecs né, com a abertura das Fatecs diminuiu.

RCP: O processo de expansão.

JV: Quer dizer, diminuiu. No começo só tinha aqui, então era uma maravilha. Mas ainda era bom comparado com outros cursos. Quando eu percebi que eu tinha um material bom na mão, eu passei a usar calculadora, a HP 12C. O curso hoje são 2 semestres, eu te digo uma coisa, quem faz o curso de financeira comigo, você não tem uma questão em um concurso público qualquer que você não saiba fazer. Tanto que o livro que vai sair agora é um livro completo, com tudo. Tudo, tudo, tudo. E elas vão lá, elas sofrem, mas elas respondem. E aí o que aconteceu? Essas moças começaram a ir para o mercado financeiro. E é o que eu falo para elas até agora, não é porque elas fizeram curso de matemática financeira que elas vão, é porque os cursos por aí são tão ruins, e eu me lembro que eu, nas faculdades particulares, você pede para o aluno comprar calculadora, ele não compra. Aqui eu não peço, eu obrigo. A semana que vem eu quero a HP aqui. E elas tem um curso fortíssimo de matemática financeira. Moral da história, muitas, muitas, estão indo para banco, e estão indo para... então esse curso, como ninguém mexe comigo...

RCP: (risos)

JV: Não, é verdade, como ninguém mexe comigo, ninguém se atreveu a falar nada, então eu consigo manter o nível. Tanto consigo manter o nível, que na reestruturação eu consegui

colocar lógica matemática, porque a hora que eu vim com a ideia, é o professor Jaques que está falando, talvez possa ser importante, olha por quê. olha, olha ele é tal... Então todo mundo aceitou colocar no curso, e hoje as alunas vem dizer para mim que fazem concurso público, e as questões de lógica elas tiram, acertam. Então, esses que a gente tem ainda alguma... algum poder, a gente consegue manter. Então eu estou nesse curso desde que ele começou, são 20 anos, eu diria para você pelo contrário, ele não só manteve como acho que está até melhor, mas os outros que a gente não tem decisão, um caos né. Eu me lembro muito bem, eles quando tiraram o Cálculo 2, eles esqueceram, eu me lembro que isso acontecia na UNIP, porque eu dei aula na UNIP. Na UNIP tinha dois cursos, um chamava engenharia de software, ou qualquer coisa desse tipo, e o outro era análise de sistemas, engenharia da computação e análise de sistemas. Então teoricamente o cara da engenharia da computação, ele deveria ter uma matemática mais forte, porque ele seria o desenvolvedor do software, e o cara aqui seria mais um usuário. Então você tirou a matemática aqui praticamente quase toda, e aqui você deixou um pouquinho. O que acontecia? Eles, quando eles iam fazer o trabalho de graduação, de TCC, eles tinham aquelas ideias excelentes, porque gostavam daquilo, só que quando ele tinha a ideia excelente, que ele ia desenvolver, é que ele percebia que atrás da ideia excelente dele estava lá a matemática, guardada numa caixa preta que ele não sabia..

RCP: Tinha uma ferramenta esperando.

JV: Exatamente, que ele não sabia abrir a bendita caixa preta. É o que eles vão fazer aqui, na minha opinião, porque quando você tira essa base, essa formação básica, e outra coisa, o que adianta você fazer isso no curso de informática, que é um curso que talvez tudo evolui rapidamente, mas nada evolui como a informática, aquilo que o aluno está tendo aqui hoje...

RCP: Quando ele sai já está defasado.

JV: Exatamente. Então qual é a melhor maneira de você preparar ele para o mercado? Ele ter uma base boa, porque se ele tem uma base boa ele faz qualquer coisa.

RCP: Com certeza.

JV: Aí você tira a matemática, então indo contra a corrente, por que o que está vindo lá de fora agora? Língua e matemática como os dois pilares fundamentais. A matemática para o desenvolvimento lógico, e a língua para o cara saber ler, escrever, falar, e principalmente interpretar texto. Uma vez que ele tenha esses dois você completa o resto, mas isso é o básico, porque essa é a formação, aí a gente vai crescendo mais. E como reprova cálculo, você sabe muito bem, porque lá deve ser a mesma coisa, então infelizmente é isso, vamos fazer o quê? Quem sabe algum dia a ficha cai e volta atrás. Mas que o curso de PD quando eu entrei aqui, olha eu vou te contar, o curso era tão forte que eu quando vim dar aula aqui, eu tinha medo de dar aula para PD. Eu demorei 3, 4 anos com orientações deles e tudo para eu me sentir...

RCP: À vontade...

JV: A vontade para entrar no curso de PD.

RCP: Era uma concorrência bem grande mesmo, e mesmo porque era época né, do boom da área de Ciências da Computação.

JV: Mas era um curso fortíssimo! Fortíssimo!

RCP: Alguém me falou 50 candidatos por vaga.

JV: É, era coisa de...

RCP: E na época que o senhor chegou na Fatec, já tava tudo bem estruturadinho né? Porque a Fatec São Paulo...

JV: Tava, tava tudo bem estruturado, porque a Fatec é de 72 né, eu cheguei 10 anos depois.

RCP: É, o centro se instalou em 69, aí teve a Fatec Sorocaba, aí a Fatec São Paulo propriamente né, estava tudo estruturado já, atendendo as necessidades do mercado da época, de desenvolvimento do país, e o senhor pegou bem no finzinho do regime militar né?

JV: Isso, 82.

RCP: 82, 85 acabou né? Então não viu muita interferência disso aqui dentro, mesmo porque a matemática não foi uma área tão afetada né, naquele momento.

JV: Não.

RCP: E em relação às disciplinas ministradas, existiu uma referência bibliográfica? Existia algum livro, alguma coisa que vocês seguiam? Os livros eram nacionais, trazidos de fora?

JV: Eram os livros nacionais, a gente fazia apostilas aqui, desenvolvia apostilas, tinha alguns livros básicos de... naquela época também não havia muita, muita, bibliografia né? Tinha aqueles livros famosos, você falava Cálculo você falava Demidovitch, falava Asimov, então tinha aqueles livros básicos e as apostilas que a gente desenvolvia.

RCP: O professor Walter falou nós somos a referência. (risos) As referências...

JV: Exatamente, a gente dizia que para estudar na PUC tinha que pegar o Demidovitch e fazer todos os exercícios, porque o Demidovitch tinha exercícios.

RCP: Acho que eu tenho até hoje guardado.
(risos)

RCP: É verdade, e é nítida a importância da Fatec São Paulo, tanto aqui como no estado, enfim, em relação à qualidade, e como o senhor disse naquela época, não era época da expansão das Fatecs, agora a gente vive um outro momento né.

JV: Vive outro momento e o que aconteceu? Como diminuiu a procura aluno por vaga, é óbvio que você trabalha com um nível mais baixo, mas tem um detalhe, como eu tenho participado

das formaturas, nós temos aproximadamente 1.500 alunos por semestre, que entram por semestre, 1.300, 1.400, 1.500, alguma coisa assim. Então na formatura, teoricamente se saísse todo mundo, ia sair 1.500. De 4 anos para cá, nós tivemos uma formatura... porque nós fazemos a formatura todo mundo junto né, num dia só junta todas as turmas, e teoricamente seriam 1.500 formandos. A 4 anos atrás nós tínhamos na formatura 500 alunos de 1.500.

RCP: Um terço.

JV: Um terço. Nessa última formatura não chegou a 400, dos 1.500 aproximadamente. Então ainda existe o seguinte, quer dizer, embora o nível tenha, a entrada tenha baixado, a gente continua segurando, eu acho que é isso que mantém o nome. Porque o camarada lá fora sabe que não vai pegar um aluno com diploma nosso que passou por acaso. Ele não vai. Por acaso ninguém vai passar, ele pode te enganar numa prova ou outra, pode conseguir colar, mas para fazer isso durante os seis semestres, eu não acredito, tá certo? E todo mundo é cuidadoso, eu sou cuidadoso, é lógico que eu não fico que nem guarda no dia da prova, mas a gente percebe as coisas, então devagarinho a gente vai contornando, quando você percebe que tem alguma coisa errada, você pega o aluno e põe sentado na frente na outra prova. Então eu não acredito em alunos que chegam até o fim sem ter... eu continuo dizendo que esses trezentos e poucos, que é muito pouco perto do que entra, pode ser uma baixa quantidade, mas a qualidade continua sendo boa. Então eu acho que isso ainda faz com que mantenha. As minhas alunas secretárias por exemplo, quando vão estagiar, e a Fatec coloca essas moças todas em firmas grandes, as chefes delas todas passaram por aqui, o professor Jaques ainda continua dando aula lá? Ah, ele tá bonito ainda?
(risos)

RCP: Ai professor... (risos) Ai que delícia ter aula com o senhor viu? Bom, o senhor gostaria de falar alguma coisa a mais? Enfim...

JV: Acho que eu falei tudo.

RCP: Da sua trajetória, porque a gente percebe um orgulho muito grande de vocês, nas outras entrevistas também, com o professor Walter, o professor Ayrton, de ser professor da Fatec né?

JV: Ah tem uma coisa especial, isso aqui não é emprego. Olha, você sabe que eu tinha... a situação era assim, tinha uma lei que nós íamos embora aos 70 né?

RCP: Sim, sim.

JV: Eu estava desesperado! Desesperado! Porque em casa o pessoal não consegue entender, quem não vivencia isso aqui dentro não consegue entender. Então me diziam, ah porque você está preocupado, vai dar aula noutro lugar. Não. Não é. Não tem outro lugar, e eu nunca mais quero dar aula em faculdade particular. Eu tive experiências muito ruins, então eu não quero mais. E, também, não tenho mais idade para isso, chega! Então eu estava desesperado, e por outro lado também eu não pedi a minha aposentadoria, eu fiquei 10 anos aposentado sem pedir, tanto eu estava aposentado que eu recebi uma cartinha do INSS

falando o senhor já está aposentado, pode passar e solicitar, porque tinha aquela história de que se você pedisse aposentadoria você era mandado embora, e eu tinha que prestar concurso de novo. Aí eu falei aí não vale, aí fiz as contas com quem fez isso, cheguei à conclusão de que era elas por elas, eu falei ah eu não vou ficar esquentando minha cabeça, e aí pronto. Aí saiu a lei que a gente não precisava mais ir embora, foi quando o centro trouxe de volta o Walter, o professor Ayrton, e aí eu me aposentei. Mas tomara que me esqueçam e que eu fique aqui forever.

RCP: (risos)

JV: Porque isso aqui, sinceramente, eu... ninguém entende quando eu falo que eu não quero parar de trabalhar, ninguém entende. A gente tem, nós temos, não é que eu estou criticando os novos que entram, não é preconceito, não é nada disso, é que aquele amor que a gente aprendeu a ter por essa casa, a gente não nota nos outros. Talvez porque o Centro tenha mudado, hoje tem uma um departamento maior, mas a gente que começou lá de trás etc. então isso aqui é como se fosse a segunda casa, então eu venho aqui, estou sempre alegre, então isso para mim não é trabalho, e ao mesmo tempo eu estou trabalhando. Porque a melhor maneira da gente viver é estar em atividade, né? Então realmente você está pegando, nós aqui, que temos aqui um carinho pela Fatec completamente... esse professor que conversou comigo...

(inaudível)

(risos)

JV: Ele também foi embora, todos nós aqui, saiu, saiu, saiu, saiu, e eu, caso aposentado, teria saído também, então você vê, todos nós somos lá do começo. E de todos eles aqui, por mais incrível... eu sou o mais novo, todos os mais antigos do que eu. Então, sabe, tem uma relação, essa liberdade de você... tá certo, de vez em quando você é tolhido quando vem uma ordem lá, tira o cálculo 2, você não pode brigar, mas fora isso, na sala de aula, você tem aquela liberdade de fazer a coisa direito, explicar direito. Então coisas, que as particulares não te deixam mais fazer. Então, o dia que tirar isso acabou a graça. E saber que você chegou no final do semestre, você reprovou quem tinha que ser reprovado, você aprovou, ninguém vai te cobrar se você reprovou cinco ou se você reprovou 50, pelo menos nunca aconteceu isso comigo, e eu não sou dos que reprovam pouco. E saber que aquele que passou, você tem... porque o ruim é quando você está numa faculdade que você sabe que você deixou passar um cara que você jamais contrataria para trabalhar com você.

RCP: Com certeza.

JV: Então eu acho que isso deu pra gente aqui um carinho todo especial. Aí senta também uma professora, Maria Emília, que ela só vem de manhã, que é outra também mais antiga do que eu, então nós formamos um nicho aqui dos mais antigos, então o nosso relacionamento com a Fatec é completamente diferente, sabe? É como se fosse... ultrapassa aquela história de empregado e empregador.

RCP: Bom professor, olha, foi um prazer imenso, uma entrevista muito gostosa, maravilhosa, e eu quero agradecer de coração viu?

JV: Não por isso. Aquele dia que você... que você veio, que o Ayrton tinha me avisado, você vinha... você vinha numa quarta-feira antes foi quando aconteceu...

RCP: Ah, o assalto!

JV: Isso. Aí o Ayrton falou, eu cheguei aqui, eu falei para o Ayrton, Ayrton e o professor aqui, aí o Ayrton... Não! Ele me avisou antes, acho que um dia antes, olha aconteceu isso com a esposa do professor e tal, e não me falou nada da outra quarta-feira, quando você veio, por isso que até eu te peço desculpa, tá bom?

RCP: Imagina professor, para mim foi um prazer voltar...

JV Você acha que tem alguma chance dessa entrevista ganhar o Oscar?

RCP: Eu vou fazer o seguinte, eu vou fechar essa entrevista focando de novo nessa bandeira né, podia ser mais bonita, mas fazer o que né?

JV: Posso fazer assim?

RCP: Pode, pode.
(risos)

RCP: Tá muito lindo!
(risos)

RCP: E agora eu quero uma foto também. Obrigada viu professor, ficou muito lindo.

JV: De nada.

Descritores

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos
Faculdade de Tecnologia de São Paulo
Centro de Memória
Unesp Bauru
História oral na educação
Memórias do trabalho docente
Educação Matemática
Área de Matemática
Cálculo I
Cálculo II
Lógica

Estatística

Secretariado

Matemática Financeira

Tecnígrafo

Desenho

Administração

Processamento de Dados

Informática

Regime Militar

Evasão

Programação Linear Aplicada

Departamento de Ensino Geral

Rosemeiry de Castro Prado

Jaques Vereta

Grupo de História Oral e Educação Matemática

GHOEM

Secretaria de Ciência e Tecnologia

Memórias da educação tecnológica

Dados Biográficos do Entrevistado



Jaques Vereta, em 2017

Jaques Vereta Possui Curso de Especialização em Administração para Graduação (1975-1977) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) e mestrado em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995-2000). Atualmente é professor da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, atuando no Curso

de Especialização em Gestão Empresarial da instituição. Tem experiência de 40 anos no Ensino da Matemática e da Estatística em nível superior.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Rosemeiry de Castro Prado, em 2018

Rosemeiry de Castro Prado Licenciada em Matemática pela Unesp Bauru (1989) e em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1992). Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP (2003). Doutora em Educação para a Ciência - Unesp/Bauru (2018). Pesquisadora do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Professora de Matemática do Ensino Médio da Organização Aparecido Pimental de Educação e Cultura, desde 1995 (Sistema Anglo de Ensino) e de Cálculo Diferencial e Integral da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec Ourinhos), desde 2008. Docente do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes - BASis). Coordenadora do Curso Ciência de Dados da Fatec Ourinhos/SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/9037046574064977>

Anexos: (Documentos sigilosos e não aberto online ao público):

Carta de Cessão de Jaques Vereta

Termo de Autorização para uso de Imagem de Rosemeiry de Castro Prado

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Rosemeiry de Castro Prado